

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO NAS LICENCIATURAS:
CARTA AOS ESTUDANTES ESTAGIÁRIOS**

*SUPERVISED PRACTICUM IN TEACHER EDUCATION PROGRAMS:
A LETTER TO UNDERGRADUATE STUDENTS*

Osmar Hélio Alves Araújo ¹ 

Ivan Fortunato ² 

Emerson Augusto de Medeiros ³ 

RESUMO

Esta carta-ensaio propõe uma reflexão sensível e crítica sobre o estágio supervisionado nas licenciaturas, rompendo com a lógica burocrática que frequentemente esvazia sua potência formativa. Por meio da metáfora da borboleta, o texto convida os estudantes a viverem o estágio como experiência de metamorfose, conectada à vida real, à subjetividade e à construção da identidade docente. Defende-se que o estágio precisa ser vivenciado com abundância, liberdade e leveza – dimensões que possibilitam a transformação de tarefas obrigatórias em processos significativos de ser e tornar-se professor. O texto denuncia os riscos de uma formação mecânica e celebra a beleza da docência que pulsa nas pequenas experiências, encontros e descobertas vividas no cotidiano escolar. Trata-se de um convite ao voo – simbólico, humano e pedagógico – que o estágio pode representar.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente; Estágio supervisionado; Metamorfose.

Autor corresponde: Ivan Fortunato, ivanfrt@yahoo.com.br

1 Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

2 Instituto Federal de São Paulo - Campus Itapetininga, SP, Brasil.

3 Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró, RN, Brasil.

ABSTRACT

This letter-essay offers a sensitive and critical reflection on the teaching practicum in teacher education programs, breaking away from the bureaucratic logic that often drains its formative potential. Through the metaphor of the butterfly, the text invites students to experience the practicum as a process of metamorphosis, connected to real life, subjectivity, and the construction of teaching identity. It argues that the practicum should be lived with abundance, freedom, and lightness – dimensions that enable the transformation of mandatory tasks into meaningful processes of becoming a teacher. The text denounces the risks of mechanical training and celebrates the beauty of teaching that pulses through the small experiences, encounters, and discoveries of daily school life. It is an invitation to take flight – symbolic, human, and pedagogical – that the practicum can represent.

KEYWORDS: Teacher education; Supervised practicum, Metamorphosis.

INTRODUÇÃO

DE ONDE PARTIMOS, OU, A INSPIRAÇÃO E RAZÃO DESTA CARTA-ENSAIO

Cá estamos, mais uma vez, escrevendo uma carta-ensaio. Como de costume, partimos da premissa de que não podemos desperdiçar tempo escrevendo sem romper com o estilo acadêmico tradicional, que muitas vezes ignora o potencial artístico, criativo e até poético da escrita no campo das ciências da educação⁴. Por isso, os destinatários⁵ de nossos escritos têm sido todas as pessoas interessadas em educar, em ensinar, em aprender.

Nesta carta-ensaio, refletimos sobre o estágio supervisionado nas licenciaturas, mas não o entendemos como um ritual acadêmico linear, marcado por

⁴ Ver Araújo, Medeiros e Fortunato (2023; 2024) e Fortunato, Medeiros e Araújo (2024).

⁵ Para garantir a fluidez da leitura e da escrita, optamos por seguir o padrão da língua portuguesa. Ainda assim, afirmamos nosso compromisso com a inclusão e a diversidade, reconhecendo que o idioma, em sua forma atual, ainda não contempla plenamente todas as expressões de gênero.

estruturas burocráticas de preenchimento de formulários, relatórios e atividades obrigatórias, muitas vezes desprovido de criatividade, liberdade e leveza⁶.

Quando abordado dessa maneira, o estágio supervisionado se torna sufocante, transformando-se em um processo pesado e inútil que apenas consome tempo e energia. Nessa perspectiva, o estágio se verticaliza em etapas que, ao invés de contribuir efetivamente para a formação, acabam por exigir mais dos licenciandos, orientadores e supervisores do que realmente oferecem. Como afirmou um participante de um grupo focal conduzido por Santos e Nunes (2017, p. 188, grifo nosso): “*O pior do estágio não é praticamente a aula em si, dar aula, mas é toda burocracia que tá por trás do estágio*”.

Entendemos, portanto, que o estágio, na formação docente, é (ou deveria ser) um processo pessoal de construção identitária, que não acontece à parte da vida, como se estivesse entre parênteses. Isso quer dizer que se inscreve na própria vida, pois a experiência de ser e tornar-se professor é contínua, única e indissociável do cotidiano. Por isso, não pode ser reduzido a um cumprimento burocrático, alheio à intensidade e à complexidade da existência. Exatamente como afirmou Lima (2004, p. 30): “o estágio não deve ser burocratizado, mas abrir possibilidade de mudança”.

Estamos de acordo com Fanny Abramovich (1985, p. 129), quando afirma que “os educadores que estão compromissados com a escola da vida, pulsante, dinâmica, em permanente mutação, estes acreditam é na experiência vivida e refeita a cada novo ato pedagógico [...]”. É justamente por isso que queremos um estágio por inteiro – vivo, efervescente, provocativo, circunstancial. Um estágio que, intenso, se oponha ao rito burocratizado de preencher formulários e produzir relatórios *chatpetezados*⁷.

Podemos ir muito (muito) além e estabelecer uma parábola para se pensar o estágio supervisionado na formação de professores: como uma borboleta. Sua metamorfose. Uma lagarta, passando pelo casulo, transforma-se, radicalmente. Como borboleta, a lagarta não mais está presa ao casulo ou ao chão; com asas, pode

⁶ Ver, por exemplo, a tese de Rosenberg (2008), “O estágio burocrático e a formação do professor”, o artigo de Barreto, Silva e Araújo (2013) e o artigo de Polati e Henrique (2022).

⁷ Talvez um neologismo que dê conta do novo modismo: utilizar *chatbots* de inteligência artificial para produzir textos. Sendo o ChatGPT da empresa OpenIA um dos programas pioneiros de acesso massivo, tornamos o ato um verbo, portanto, *chatpetezar*.

voar. A metamorfose da borboleta não é possível sem deixar algo, sem abrir espaço para vida nova. É tão fácil comparar o estágio com a metamorfose da borboleta. Faz tanto sentido nisso.

Metaforicamente, podemos dizer que a razão de ser do estágio supervisionado na formação de professores se assemelha ao casulo da lagarta: circunstanciados pelo mundo, buscamos introspectivamente a consciência de que nossa identidade docente precisa passar por um processo de metamorfose para alcançar voo.

Fomos inspirados pela lição de Malba Tahan (1967) sobre “o professor e a borboleta”. Nesse conto, o autor narra a história de uma borboleta que invade duas salas de aula distintas de uma mesma escola. O primeiro professor repreendeu a turma que se distraiu de sua preleção na presença da borboleta, expulsando da sala de aula alguns estudantes que causaram alvoroço por causa do belo ser alado. Já o segundo professor não teve dúvidas e aproveitou a visitante para falar de seus encantos. Ou seja, “ao perceber que a Vida, cheia de Alegria e de Beleza, sob o disfarce de uma simples borboleta, havia entrado em sua classe, exclamou, logo, com entusiasmo: bem-vinda sejas, ó Vida!” (Tahan, 1967, p. 87).

Disse certa vez Bergson (2006, p. 295): “alma e borboleta, símbolo de ressurreição, foram desde sempre sinônimas”. Inspiramo-nos nas palavras de Bergson para dizer que há *estudantes como borboletas*, que pousam nas licenciaturas e, mesmo tendo a liberdade de partir para longe da docência, escolhem ficar para experimentar a alegria de ensinar. Estudantes borboletas tatuam nossa alma.

Com esses estudantes, aprendemos a ter *alma de borboleta*, cheia de sentimentos bons, decidindo pousar apenas onde há aconchego, com a liberdade de escolher em qual *habitat* viver. Não é egoísmo, mas um ato de cuidado consigo e com o outro. Trata-se de uma atitude pedagógica que brota da liberdade e se nutre na responsabilidade de viver o que nos cabe com alegria, e não na obrigação.

Tantas vezes fomos absurdamente criaturas sem humor, carregados de pesos e burocratização inútil no exercício profissional. E fomos aprendendo isso: leveza, leveza – a fazer tudo com leveza. É por isso que temos buscado um exercício profissional leve, muito leve, como quem anda sem carregar nenhum fardo.

Totalmente livres para ensinar e aprender. Essa foi uma das melhores lições que apreendemos com estudantes borboletas. Inesquecível.

Assim seguimos pensando na oportunidade de se aprender a ser que o estágio supervisionado carrega. Pode ser um fardo pesadíssimo, quando tratado burocraticamente. Mas, pode ser transformador, como um casulo. O estágio na formação docente como a metáfora da borboleta não sufoca, não pesa mais do que o necessário. Ao contrário, fomenta a necessária transformação – a do *Ser Professor*, em letras maiúsculas, denotando o quão pulsante e pujante é sua existência no mundo.

Por isso, pensar o estágio nas licenciaturas a partir da metáfora da borboleta não tem relação com o que, muitas vezes, se faz e se registra em relatórios e formulários. Viver o estágio é justamente o contrário: é estar presente nos diversos contextos formativos em tempo real – não como quem apenas cumpre tarefas para alimentar um papelório interminável, mas com o coração atento, onde habita e floresce a nossa verdadeira essência docente.

No poema, *As nuvens são sombrias*, Fernando Pessoa anotou:

As nuvens são sombrias
Mas, nos lados do sul,
Um bocado do céu
É tristemente azul.
Assim, no pensamento,
Sem haver solução,
Há um bocado que lembra
Que existe o coração.
E esse bocado é que é
A verdade que está
A ser beleza eterna
Para além do que há.
(Fernando Pessoa, 1931)

O poema de Fernando Pessoa nos provoca a dizer, com o coração aberto, que esta carta-ensaio nasce das experiências que vivemos atuando como professores formadores de professores, nutrida por anos de caminhada ao lado de quem ensina-aprende, na esperança de contribuir, com afeto e compromisso, para a construção de outras trajetórias docentes. Dessa forma, utilizando de metáforas, da

poética, carrega um duplo esforço: (1) o de aproximar os estudantes do estágio como uma experiência de metamorfose – algo que pode deixar de ser pesado para se tornar leve, criativo e fértil em possibilidades, vivido com alegria e não como mera obrigação; e (2) o de provocar uma reflexão sobre o estágio a partir de três palavras que a metáfora inspira: abundância, liberdade e leveza.

Na sequência, buscamos responder a inquietação: o que, de fato, é o estágio a partir da metáfora da borboleta? Logo em seguida, discutimos o estágio, como a metáfora da borboleta em três palavras-chave: abundância, liberdade e leveza.

Que nossa carta-ensaio inspire metamorfoses.

O QUE, DE FATO, É O ESTÁGIO COMO A METÁFORA DA BORBOLETA?

*Era uma vez um sábio chinês
Que um dia sonhou que era uma borboleta
Voando nos campos, pousando nas flores
Vivendo assim um lindo sonho
(Raul Seixas, o conto do sábio chinês, 1980)*

Assim como a lagarta precisa de um tempo no casulo, antes de se tornar borboleta, na formação docente, os estudantes também passam por um processo semelhante. Inicialmente, esse tempo pertence a unidades curriculares que visam discutir, por exemplo, conceitos, teorias e correntes de pensamento sobre educação e formação, em uma perspectiva histórica e crítica; assim como a construção social e política dos processos de ensino e de aprendizagem. Geralmente, esse é um tempo vivido que antecede o estágio e é subjacente ao processo de metamorfose, de onde vão (res)surgir as primeiras experiências como *Ser professor*.

Nesse sentido, a trajetória dos estudantes estagiários é semelhante ao da lagarta antes de renascer como borboleta: precisam se alimentar de situações que promovam o desenvolvimento de conhecimentos e práticas específicos, ligados aos processos de ensino e de aprendizagem; quiçá alicerçados na reflexão na e sobre a ação educativa (a *práxis* de Paulo Freire), para depois (re)nascer e voar com suas próprias asas de professores.

Diferentemente da borboleta, que nasce de um único casulo, a formação docente nos convida a atravessar muitos casulos ao longo do caminho. Cada um deles representa um tempo de transição, aprendizado e amadurecimento. Nesses

processos, as experiências são entrelaçadas à reflexão teórica sobre a educação, suas singularidades e suas relações com a sociedade.

Devaneios anteriores trouxeram à tona incômodos com o modelo disciplinar, que fragmenta a formação em casulos isolados (Fortunato, 2023). Esse processo, que foi nomeado "formação-mosaico", propõe que todos os estudantes participem das mesmas atividades, as quais são vivenciadas de forma subjetiva e única. No entanto, ao final do curso, todos saem com o mesmo quadro-diploma, o qual não reflete suas particularidades e idiossincrasias. E assim, esses estudantes seguem suas trajetórias, muitas vezes em conflito com a lógica burocrática das instituições, que insistem em padronizar o que é profundamente singular.

Essa tensão revela uma contradição: embora a formação docente se proponha como processo de transformação, ela frequentemente opera por repetições e controles que aprisionam mais do que libertam. Entre o que se vive e o que se espera viver, abre-se um campo de inquietações. E é nesse campo que muitas vezes residem nossas crenças educacionais. Conforme Soares e Bejarano (2008) essas crenças herdadas, normalizadas, nos dizem como deve ser o professor, o estudante, a escola e o ensino, por exemplo. Questioná-las é tão essencial quanto atravessar os casulos. Pois não há metamorfose sem desapego, e não há voo possível quando se está amarrado a verdades que já não nos servem.

Eis um lembrete importante: para entrar e sair de casulos, é preciso abrir mão do peso de certezas rígidas e verdades absolutas já cristalizadas em nossas crenças. Carregar o peso das nossas crenças e verdades, muitas vezes baseadas em limitações que nós mesmos criamos, torna a caminhada mais difícil e lenta, além de nos privar de novas oportunidades e descobertas. É na disposição para questionar nossas próprias crenças, refletir sobre nossas práticas e buscar novos caminhos que encontramos o verdadeiro potencial do estágio na formação docente.

Dessa forma, entendemos que o estágio pode ser visto como uma metáfora para o processo de transformação, semelhante ao de uma borboleta. Nesse sentido, ele se torna um elemento essencial da formação docente, mesmo dentro do tempo

limitado que é dedicado à formação dos professores – no Brasil, a carga horária exigida para estágio é pouco mais de 12% de um curso de licenciatura⁸.

O estágio como a metáfora da borboleta se reporta à possibilidade de transformação de algo pesado, para algo mais leve e cheio de possibilidades para se criar e crescer. Isso muda *levemente* (trocadilho intencional) o sentido do estágio na formação docente, destacando a importância de viver o que nos cabe (o estágio curricular) com alegria, e não como mera obrigação.

O que, de fato, é o estágio como a metáfora da borboleta se não esse tempo que simboliza um movimento espiral, e não linear, e oportuno para passagem, mudança de lagarta para borboleta? Esse tempo pertence ao Ser que se encontra na ação, no movimento de passagem: foi lagarta e, depois, transformou-se em borboleta.

E é justamente por isso que não podemos considerar esse ser que se metamorfoseia como uma criatura sem identidade própria, cumpridora de tarefas, seguidora de roteiros prontos, preenchedora de formulários e de relatórios inertes, como se sua existência se reduzisse à obediência silenciosa de protocolos alheios à sua própria história, afetos e sonhos.

Afinal, o tempo do estágio é o tempo-verbo: *estagiar*. É um dos momentos de se lançar com alegria ao ensinar, experimentando o sentido mais profundo da formação: estar presente, viver com inteireza a docência como experiência criadora e transformadora. É o tempo da história individual, de sentir a inspiração pulsando em cada momento e a serenidade de estar feliz consigo mesmo. Esse tempo-verbo, o estagiar, deve ser aproveitado, saboreado, sentido, bem utilizado porque é o momento que se tem e que se é também feliz. Afinal de contas, já disse Isabel Allende (2023, p. 161): “A felicidade não é exuberante nem ruidosa, como o prazer ou a alegria. É silenciosa, tranquila, suave, é um estado interno de satisfação que começa quando a pessoa se permite amar a si mesma”.

Tal como a lagarta, que ao crescer tece seu casulo para se transformar, o estágio na formação docente é um tempo de recolhimento e elaboração, é também um convite à travessia entre o que fomos e o que ainda podemos ser. É o tempo na

⁸ As Diretrizes Curriculares Nacionais das licenciaturas estabeleceram carga mínima de 2.800h com 300h de estágio (10,7%) em 2002. A partir de 2015, o estágio passou a 400h (12,5%), mantido nas DCN de 2019, bem como a carga horária total de cada curso que passou para 3.200h. Em 2024, a carga total foi mantida com as 400h de estágio (12,5%).

licenciatura em que cada um, inicialmente ou finalmente, vive a experiência de Ser professor. Este é mais um lembrete: o estágio é um momento crucial na formação docente, assim como o processo de transformação da lagarta, que ao abandonar o casulo se torna borboleta; ambos representam um período de mudança e amadurecimento essencial para o desenvolvimento.

A lagarta, enfim, abandona seu casulo e se transforma em borboleta. A metamorfose traz liberdade, leveza e um novo modo de existir no mundo. Por isso, reconhecemos que o estágio só tem sentido quando nos ajuda a enxergar a beleza de Ser Professor. Aprendamos a vivenciar o estágio não apenas como porta de entrada para a docência, mas como forma de perceber a beleza que há na profissão. Mesmo que muitos tenham dificuldade em enxergar e sentir essa beleza no exercício cotidiano do magistério.

Mas, que beleza é essa? Bem, para além da técnica ou do conteúdo, a docência envolve presença, mesmo quando fisicamente ausente, deixando marcas na humanidade do outro. Essa beleza reside no impacto silencioso e profundo que o educador pode ter na vida de seus estudantes, muitas vezes sem se dar conta disso, mas que transcende o simples ato de ensinar.

O estágio é, então, a oportunidade de começar a cultivar esse olhar mais sensível e profundo sobre o ofício, no qual sua beleza não está na transmissão de conteúdos, mas, no cuidado com a humanidade dos estudantes. O estágio, em sua essência, é o processo de metamorfose do futuro docente, dando indícios que esse ofício vai muito além do cumprimento de tarefas, pois envolve transformação e um impacto silencioso, mas profundo, na própria vida e dos outros.

Esse olhar mais sensível e profundo sobre a docência é algo que, muitas vezes, precisa ser cultivado ao longo da trajetória profissional, principalmente diante as circunstâncias que não valorizam adequadamente o trabalho do professor. No contexto do estágio, esse impacto começa a ser vivido na prática: é nesse espaço de experimentação e reflexão que o futuro docente se aproxima dessa beleza da docência, ainda que de forma sutil.

A beleza da docência não pode ser transmitida ou copiada de outros. Ela é construída por aqueles que vivem a transformação de lagarta para borboleta, e, em suas sucessivas metamorfoses, conseguem, na quietude de suas ações, tocar

suavemente a humanidade do outro e a sua própria. Durante o estágio, os futuros professores começam a vivenciar essa transformação, com os desafios e as alegrias que ela traz, permitindo-lhes sentir a verdadeira beleza da docência. Por isso, o estágio é um momento fundamental para a construção de um tipo de beleza que transcende o tempo, deixando um “rastro” que permanece nas memórias e corações dos que cruzam o caminho do educador.

Este é o legado do estágio como a metáfora da borboleta: um convite a transcender o superficial para se perceber a essência da docência, e a necessidade de torná-la bela e transformadora, mesmo quando isso não for fácil.

Viver o estágio intensamente é como abraçar a metáfora da borboleta, com a sabedoria que os tempos vividos em diferentes casulos possibilitaram. Cada momento deve ser aproveitado com a consciência de que o tempo-verbo *estagiar* é finito, mas os rastros que dele surgem podem ser eternos na humanidade que nos habita.

ESTÁGIO, COMO A METÁFORA DA BORBOLETA, EM TRÊS PALAVRAS-CHAVE: ABUNDÂNCIA, LIBERDADE E LEVEZA

*Até que um dia acordou
E pro resto da vida
Uma dúvida lhe acompanhou
Se ele era um sábio chinês
Que sonhou que era uma borboleta
Ou se era uma borboleta sonhando
Que era um sábio chinês
(Raul Seixas, o conto do sábio chinês, 1980)*

A lagarta se transforma em borboleta, mas há um processo ali que exige algum tempo. Por isso, a borboleta é um ser incrível e nos ajuda também a reconhecer, assim, a importância do tempo. Como já cantou Caetano Veloso⁹: “Tempo, tempo, tempo, tempo, compositor de destinos [...] entro num acordo contigo, por seres tão inventivo e pareceres contínuo”.

⁹ Canção *Oração ao tempo*, letra disponível em <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44760/>, abr. 2025.

Como bem nos ensinou o Rubem Alves (1995, p. 59): “Tudo o que a gente ama a gente deseja que permaneça para sempre. Mas tudo o que a gente ama existe sob a marca do tempo. *Tempus fugit*. Tudo é efêmero”. Logo, compreendemos que o tempo é um mestre sábio que nos ajuda a perceber o que é importante e o que (não) interessa no tecido da nossa vida. Precisamos mesmo desse mestre sábio? Talvez. Afinal, pode ser que o tempo não seja esse senhor absoluto que tudo determina: quem nos garante se somos sábios sonhando ser borboletas, ou borboletas que sonham ser sábios? Seja como for, a metamorfose acontece no seu tempo – quando há entrega, presença e *práxis*.

O estágio, como a metáfora da borboleta, não se negocia nem se impõe, pois é fruto da decisão livre de vivê-lo assim. Não se pode obrigar ninguém a experienciar o estágio com criatividade, liberdade e leveza, passando da lagarta à borboleta, para voar no tempo-verbo: estagiar para Ser Professor.

Que graça teria se transformar em borboleta por outro motivo que não a própria vontade? Quando o estágio é tomado como mera obrigação, ele perde o sentido mais profundo da experiência formativa, pois não há entrega real à transformação. Isso seria injusto tanto com o processo formativo quanto com a própria docência.

Há uma tendência muitas vezes disseminada nas licenciaturas segundo a qual os estudantes, por meio do estágio, em situação real de trabalho em escola, devem observar a estrutura pedagógica da escola e o trabalho docente; participar das aulas como observador e até como “regente”; analisar o Projeto Pedagógico da instituição; elaborar diário de campo com as impressões do visto e vivido (Pimenta; Lima, 2010). Que fique claro: não estamos tecendo uma crítica à essa tendência, validada pela comunidade acadêmica.

Nossa preocupação está no “como” essas práticas dialogam com o tecido das vidas em situação real de trabalho nas escolas, com o minuto que está passando. Pois aí reside um dos desafios para vivenciar o estágio sem se tornar escravo de roteiros prontos, burocratizados e inertes.

Isso porque, no final, os maiores elementos mobilizadores, para a mudança de lagarta (estudante) para borboleta (professor), não estão fora, em conteúdos, métodos ou avaliações. Estão nas profundezas do ser, onde habitam as dúvidas, os

sonhos, os medos e os desejos. É nesse lugar interior que a verdadeira metamorfose acontece: quando o sujeito se vê, se escuta e se permite mudar. A borboleta não nasce apenas de um processo biológico, mas de uma escuta sensível ao tempo que pulsa por dentro. O estágio, então, deixa de ser um simples requisito acadêmico e passa a ser o terreno fértil onde o estudante se experimenta como futuro professor.

Seguir caminhos previamente traçados durante o estágio pode nos distanciar do que verdadeiramente buscamos aprender. Há o risco de viver experiências superficiais, em que cada passo se alinha mecanicamente a um plano fixo, sem espaço para a descoberta de si e a transformação que esse tempo exige. Logo, o estágio, que é um movimento espiral heterogêneo, corre o risco de ser confundido com algo homogêneo.

Por isso, há outras formas de habitar esse tempo: refletir sobre quem se é, o que já se sabe e o que ainda se deseja aprender na docência. O estágio, então, se torna o tempo da metamorfose – de lagarta à borboleta, de estudante a professor. Um tempo em que o saber e o não-saber podem iluminar o caminho, guiando-nos na travessia, ainda que o desconhecido, à primeira vista, nos cause certo temor. É nesse movimento que ousamos traçar três palavras-chave para o tempo-verbo estagiar, como a metáfora da borboleta: *abundância, liberdade e leveza*.

Abundância

Temos aqui uma das melhores palavras para viver o estágio, pois permite mergulhar na riqueza e na complexidade do cotidiano escolar – algo que nenhum roteiro ou formulário seria capaz de capturar por completo. Estamos tão habituados a viver o estágio a partir do preenchimento de papelórios pré-preenchidos que, por vezes, esquecemos que o tempo da escola, da formação e da vida, que é tecido a cada instante que passa, vai além do que sentimos ou pensamos sobre ele. O que vivemos nesses momentos não se resume as nossas impressões, mas se estende para algo mais profundo e amplo, que está além da nossa percepção imediata. Há um universo inteiro no cotidiano escolar, cheio de mistérios e maravilhas, que nunca conheceremos se não nos aventurarmos no estágio além dos limites dos roteiros.

Abundância de situações favoráveis à reflexão individual e coletiva sobre o visto e o vivido no contexto real de trabalho em escola; *abundância* de encontros com

peessoas admiráveis, que podem se tornar referência; *abundância* de experiências que impulsionam o aprendizado a cada degrau; *abundância* de músicas, poemas e leituras que permeiam quase todos os dias do estágio. É nesse estado de *abundância* que nos encontramos com a nossa essência mais pura: nossa alma.

O tempo-verbo *estagiar* sem *abundância* pode nos tornar sujeitos mecanizados, conformados e sem alma. Por isso, o estágio como a metáfora da borboleta não é um tempo que pode ser economizado para amanhã ou vivido sem espírito de *liberdade*.

Liberdade

Precisamos ser francos: o que torna o tempo-verbo *estagiar* como a metáfora da borboleta é também a coragem de quem ousa pensar por si, de quem ousa viver com *liberdade* nesse processo. Não se trata, necessariamente, de defender a ausência de documentos e diretrizes que orientem esse percurso – pois sua falta também poderia prejudicar a formação.

O essencial é ter a ousadia de viver o estágio como uma experiência única, irrepetível, algo que nenhum documento, por mais bem intencionado que seja, é capaz de provocar plenamente ou alcançar em sua totalidade. Algo muito parecido a respeito foi registrado por Fanny Abramovich (1985, p. 132) quando indaga: “Como é andar, estudar, ler, experimentar, crescer, reler, refazer, não para passar de ano (num exame escolar), mas para passar na vida (em todas as cobranças cotidianas)?”.

Neste contexto, a *liberdade* está relacionada a virtudes, tais como a curiosidade e a sensibilidade de uma criança alegre e leve. O estágio como a metáfora da borboleta é para quem ousa desacelerar para enxergar a beleza nas coisas que, às vezes, está nos diálogos que surgem sem aviso, no aconchego das relações pedagógicas que ousam nascer nas diferentes situações reais de trabalho em escola, no fluxo do desenvolvimento de estratégias e atividades de ensino e de aprendizagem que preenchem nossa alma de significado e sentido.

Como aqui já anotado, temos uma tendência disseminada nas licenciaturas na qual a liberdade e a *leveza* não encontram, muitas vezes, assento.

Leveza

Em nosso mundo circundado pela experiência dos *stories* e *reels* das redes sociais, acostumamo-nos a ver tudo acontecer em poucos segundos: uma coreografia apressada, pronta para ser arquivada e esquecida. Vivemos como se não houvesse mais tempo para esperar, pois estamos sempre em uma grande correria.

No estágio, corremos para entregar o termo de compromisso a ser firmado entre as instituições, receber o ofício com o aceite da escola, preencher ficha de frequência como estagiário, elaborar o diagnóstico da escola, a ficha de parecer do docente sobre os planos de aulas, planejar, executar e registrar as regências etc. Essa lógica do instantâneo parece ter invadido também o universo da formação docente. Mas, nesse ritmo frenético, a experiência do estágio corre o risco de se reduzir a um conjunto de registros, como se a docência pudesse caber em um *feed* de redes sociais.

Isso é muito real no corre-corre dos estudantes estagiários, nas diferentes licenciaturas. Todos correm, muitas vezes, em um ritmo acelerado para dar conta de todos os instrumentos do processo de avaliação a que são submetidos, sem o mínimo de senso para perceber que esse cenário exige muito tempo. A *leveza*, no estágio, não é sinônimo de descuido ou descompromisso, mas um modo mais sensível e atento de estar na experiência. É quando o tempo da formação passa a ser vivido com presença e profundidade, não apenas medido em fichas ou tarefas entregues.

Buscar *leveza* é recusar o automatismo do fazer por fazer, é permitir-se errar sem culpa, escutar sem pressa, planejar com sentido, observar com curiosidade e se afetar com o que emerge da relação com os estudantes, com os colegas, com a escola.

Que paradoxo: tantas vezes se ensina a entrar no ritmo veloz para dar conta do preenchimento de todos os instrumentos e atividades do estágio na formação docente, mas raramente se pergunta como essa mesma experiência atravessa, com *leveza*, as fronteiras da própria essência.

Abundância-liberdade-leveza

Viver o estágio como metáfora da borboleta é reconhecer que esse tempo não se esgota nos formulários preenchidos nem nos prazos a cumprir, mas se revela em sua plenitude quando é vivido com abundância, liberdade e leveza.

Abundância de encontros, reflexões e experiências que ampliam horizontes e nos colocam em contato com a essência da escola e da docência.

Liberdade de olhar para o cotidiano escolar com curiosidade e autenticidade, ousando viver o inédito e pensar com a própria cabeça.

Leveza para caminhar sem o peso de exigências mecânicas, permitindo que o tempo da formação seja vivido com sentido, presença e delicadeza.

Nesse entrelaçar de sentidos, o estágio deixa de ser mera obrigação para se tornar espaço de metamorfoses reais, onde o futuro professor aprende não apenas a ensinar, mas a Ser.

ONDE CHEGAMOS?

Não sei se devemos esquecer. A recordação da morte dá sentido à vida. De certa maneira conseguimos validar as nossas atitudes. Se quisermos saber se determinada acção é realmente importante, basta confrontá-la com a morte iminente, pensar: será que eu faria isto se soubesse que morreria daqui a umas horas ou daqui a uma semana? (Afonso Cruz, entrevista, 2015¹⁰)

Nesta seção final, recorreremos à ajuda de Afonso Cruz por nos permitir retomar o argumento que o estágio como a metáfora da borboleta se mistura com o sentido da nossa existência e, com isso, é movimento espiral em direção a nossa própria essência. É onde somos, existimos e nos movemos e, portanto, Ser Professor é um processo que precisamos puxar lá de dentro, da nossa própria essência.

No caso, a reflexão de Afonso Cruz, embora possa despertar lampejos de melancolia, nos permite retomar algumas ideias que sustentam esta carta-ensaio:

- a) O estágio supervisionado nas licenciaturas só faz sentido quando se reflete dentro de nós e nos transformamos de lagarta para borboleta. É na metamorfose das borboletas que encontramos muitas lições que precisam ser apreendidas, mesmo sem palavras, as borboletas, leves, sensíveis e

¹⁰ Disponível no site: <https://deusmelivro.com/entrevistas/entrevista-afonso-cruz-26-11-2015/>. acesso fev. 2025.

deslumbrantes, transmitem o essencial: o motivo mais puro para se viver o estágio na formação docente: a arte de voltar-se, conscientes, livres e leves, a nossa própria essência para se transformar no Ser que quiser.

b) Devemos insistir em um olhar atento e sensível para o estágio como um tempo que é também o tecido da nossa vida, o minuto que está passando e que, na tensão do que virá a ser daqui a algumas horas ou daqui a uma semana, exige que cada um viva o que lhe cabe com alegria, e não com o peso da obrigação.

c) Dentro de algumas semanas ou semestres ou anos, os formulários e relatórios construídos, por exemplo – ou até mesmo as aulas lecionadas no contexto do estágio – podem perder qualquer significado, caso não tenham ocorrido em um ambiente marcado pela criatividade, pela liberdade e pela leveza. O que permanecerá, muitas vezes, serão as memórias que carregamos e deixamos nos corações daqueles que cruzaram o nosso caminho. Os erros e acertos talvez sejam esquecidos, mas o quanto cada um se metamorfoseou é eterno.

d) Faz recordar as palavras-chave: abundância, daquilo que deveríamos ter vivido com liberdade e leveza, mas não foi possível, porque, muitas vezes, o estágio e o tempo real das nossas vidas se desencontraram... e, com isso, o estágio se afastou da realidade concreta e aconteceu apenas pela metade.

e) Essa metáfora nos permite confrontar a tendência disseminada muitas vezes nas licenciaturas, na qual a carga horária é muitas vezes ocupada, na verdade, pelo preenchimento de formulários ou desenvolvimento de práticas obrigatórias, com a vida daqui a algumas horas ou daqui a uma semana. Muitos estudantes estagiários estão quase sempre buscando dar conta dos documentos e atividades obrigatórias e esquecendo-se das pessoas. É bom não esquecer a pergunta de Afonso Cruz aqui adaptada: será que ainda faríamos isso se soubéssemos que morreríamos daqui a algumas horas ou

daqui a uma semana? E, de alguma forma, essa pergunta nos aproxima da nossa própria mortalidade, lembrando-nos que tudo o que temos é o agora, cada segundo que passamos e o que fazemos para fazer a vida valer a pena.

Não há tempo a perder. Agora é o momento de agir, de apreciar e viver! Aquele que se entrega às estruturas burocráticas de preenchimento de formulários, relatórios e atividades obrigatórias no estágio, por exemplo, vai morrendo aos poucos, e não chega a se tornar borboleta. Aquele que não se aventura pelo mundo real de trabalho em escola vai morrendo devagar, antes de se tornar borboleta. Quem não se dedica à leitura e a escrita, de acordo com o que o representa no visto, vivido e sentido no estágio, e fecha os ouvidos à música e a poesia, está a passar o tempo a sorte.

Estagiar para cumprir com obrigações é diferente de estagiar para Ser Professor. Que assim *sejamos* – cada vez mais!

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Osmar Hélio Alves; FORTUNATO, Ivan; MEDEIROS, Emerson Augusto de. Docência Universitária: a aula como aconchego. **Revista Diálogo Educacional**, v. 23, n. 79, p. 1467-1478, 2023. <https://doi.org/10.7213/1981-416X.23.079.AO06>

ARAÚJO, Osmar Hélio Alves; MEDEIROS, Emerson Augusto de; FORTUNATO, Ivan. Carta aos estudantes dos cursos de licenciatura. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 19, e024141, 2024. <https://doi.org/10.21723/riaee.v19i00.19615>

ABRAMOVICH, Fanny. **Quem Educa Quem?** 7. ed. São Paulo: Summus, 1985.

ALLENDE, Isabel. **O amante japonês**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2023.

ALVES, Rubem. **Sobre o tempo e a eterna idade**. Campinas: Papyrus, 1995.

BARRETO, Edna Silva; OLIVEIRA, Maria Marly de; ARAÚJO, Mônica Lopes Folena de. Pontos positivos e negativos do estágio supervisionado na perspectiva dos licenciandos em ciências biológicas. **Enseñanza de las ciencias**, Núm. Extra, p. 297-301, 2013.

BERGSON, Henri. **O pensamento e o movente**: ensaios e conferências. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FORTUNATO, Ivan. Devaneios da docência, ou, um dilema inventado entre Paulo Freire e Ruben Alves. In: da ROZ, Alessandra Luzia; SHIGUNOV NETO, Alexandre. **Coletânea do congresso de Iniciação Científica do IFSP Itapetininga**. Itapetininga: Edições Hipótese, 2023. p. 439-447.

FORTUNATO, Ivan; MEDEIROS, Emerson Augusto de; ARAÚJO, Osmar Hélio Alves. A didática na docência: um escrito do fundo do coração. **Ponto de Vista**, v. 13, n. 3, p. 1-20, 2024. <https://doi.org/10.47328/rpv.v13i3.18174>

LIMA, Maria Socorro Lucena. **A hora da prática**: reflexões sobre o estágio supervisionado e ação docente. 4. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

PESSOA, Fernando. **Poesias Inéditas (1930-1935)**. Lisboa: Ática, 1955. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1125>.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2010.

POLATI, Célia; HENRIQUE, José. “Estágio supervisionado: penso, logo...” impactos da burocracia nas representações de licenciandos de Educação Física da UFRRJ. **Rev. ciênc. tecnol. reg. norte**, v. 8, n. 1, p. 75-82, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/RCTR/article/view/6779/4396>

ROSENBERG, Anthony James. **O estágio burocrático e a formação do professor:** paisagens de ação e paisagens de consciência na Licenciatura em Língua Inglesa – um estudo de caso. Dissertação (mestrado em Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês). Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Ivaneide Silva dos; NUNES, Marcone Denys dos Reis. Estágio supervisionado na Licenciatura em Geografia: demandas e significações entre a “burocracia” da regência de ensino e a intervenção nos espaços não formais. In: CONGRESSO NACIONAL NEPEG DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA, 9., 2018, Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia: [s.n.], 2018. p. 184–192. https://nepeg.com/newnepeg/wp-content/uploads/2017/02/ANAIS_NEPEG_COMPLETO.pdf

SOARES, Ilma Fernandes; BEJARANO, Nelson Rui. Crenças dos professores e formação docente. **Entreideias: educação, cultura e sociedade**, v. 13, n. 14, 2008. <https://doi.org.10.9771/2317-1219rf.v13i14.3024>

TAHAN, Malba. **O professor e a vida moderna**. Rio de Janeiro: Vechhi, 1967.